

Centro Regional de Documentação

JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO*

“Mal ou bem, mais mal do que bem, o Brasil já tem seu estoque de cultura-inerte; trata-se agora de fazê-lo circular, de torná-lo ação.”
(Teixeira Coelho)

O descaso com a documentação é um problema grave; a destruição e a falta de cuidado com os documentos são uma agressão, um extermínio à memória nacional. Por alegações de falta de espaço, mera ignorância e muitas outras, nenhuma delas justificáveis, a nossa memória vai se esvaindo, sob a alegação de que “são papéis velhos”... Para fugir a esses problemas, é necessário implementar formas viáveis e eficientes para a proteção dessa riqueza, principalmente das partes que ainda estão a salvo. Esses registros de época despertam a pesquisa e aguçam a capacidade crítica do pesquisador, levam-no a pensar e a obter conclusões, gerando a análise histórica a partir dos relatos obtidos.

Não temos, ainda, a consciência histórica bem formada; sendo mais claro, não temos a exata dimensão da importância dos arquivos. As pessoas guardam ou destroem livros, cartas, jornais e outros papéis, quase sempre com objetivos pessoais ou políticos imediatos. Em nossa região, a maioria dos arquivos não têm segurança, não têm endereço certo, não estão disponíveis, não têm verba para manutenção, conservação, nem dispõem de pessoal habilitado e/ou disposto a ajudar nas buscas.

A nossa História, como já disseram, não é “coisa morta”. Coisa morta é “lenda”, que se faz na falta de História. “Coisa morta” é escrever sobre um passado a que não pertencemos, sem a análise de material pertinente, permitindo que a imaginação crie panoramas cuja autenticidade não tenha garantias de lucidez. A História é o fato, o documento, o acontecimento político, a condição sócio-econômica de um exato momento, é a concepção real e fundamentada dos acontecimentos. Sendo assim, a idéia de se escrever uma história “a posteriori”, distante de um panorama e sem testemunhas, não é correta. Para evitar que isso aconteça, é que nos socorremos do testemunho dos documentos, os quais devem ser o retrato fiel da época em que aconteceram os fatos e as ações deles decorrentes.

A necessidade de organizar arquivos, bibliotecas e congêneres quase nunca é encarada com disposição ou boa vontade política. Nossa memória (brasileira, mineira e são-joanense), embora rica, é

ainda bastante desconhecida e carece de maiores estudos e melhores cuidados. Há documentos (conhecidos ou não) que estão sendo destruídos por diversos motivos (nenhum justificável, repito!); há, ainda, aqueles que, desconhecidos, permanecem nos fundos das gavetas, em velhas estantes (mofadas, carunchadas e sendo corroídos pelas traças), nos arquivos eclesiais, nas fotografias de época e nas velhas casas, muitas das vezes sob as goteiras, sendo corroídos por térmitas e ratos, estando assim impedidos de nos “dizer” qualquer coisa. É preciso que haja mais cuidado com esses papéis, atentando para a rica fonte que neles habita. É preciso salvar a nossa memória, principalmente, aquela que ainda não está irremediavelmente perdida.

Essa preocupação, decerto, foi a que moveu o prof. Oyama de Alencar Ramalho, atual presidente da Academia de Letras de São João del-Rei, para idealizar e fomentar a criação de um “Centro Regional de Documentação” em nossa cidade. Capturar os documentos, através de tecnologia digital e disponibilizá-los para a consulta pública através de CD-ROM, me parece

uma brilhante idéia. São documentos que, na maioria das vezes, têm valor afetivo, constituem patrimônios de família e são alvos de (in)justificados ciúmes. Assim, após a captura, permanecerão com os proprietários; apenas as imagens serão armazenadas no futuro Centro, em espaço físico bastante restrito (os discos armazenam muita informação em pouco espaço, são fáceis de guardar, serão lidos através de computador e impressos, se necessário).

É, então, de suma importância que a população e as nossas entidades públicas e privadas, religiosas e militares possam colaborar com o projeto de criação de um “Centro Regional de Documentação” nesta cidade, concentrando seus esforços na criação e consolidação de um arquivo de toda essa rica Região das Vertentes.

Só assim, tendo os documentos preservados, estaremos livres de um dia, nós ou nossos filhos, precisarmos de travar infelizes conversações com vermes, como o “Dom Casmurro” de Machado de Assis:

“Catei os próprios vermes dos livros, para que me dissessem o que havia nos textos roídos por eles.

— *Meu senhor, respondeu-me um longo verme gordo, nós não sabemos absolutamente nada do que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos; nós roemos.*”

* *Membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural.*

*“É preciso salvar
a nossa
memória”*

Jornal Gazeta de São João del-Rei

(São João del-Rei - MG, edição de 17 de novembro de 2001, pág. 5)